

"A PORNOGRAFIA É O EROTISMO DOS OUTROS": REPRESENTAÇÕES FICCIONAIS DO SEXO.

Nicole Corte Lagazzi; Hermano de França Rodrigues; Elisangela Marcos Sedlmaier

Universidade Federal da Paraíba – nicolelagazzi@gmail.com;

Universidade Federal da Paraíba – hermanorg@gmail.com;

Universidade Federal da Paraíba – elisangela.sedlmaier@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo percorrer a construção histórica do gênero pornográfico na literatura e, a partir disso, pensar as vicissitudes da representação do sexo na escrita que se consagrou chamar de erótica e de pornográfica. Partindo dos estudos de Hunt, Maingueneau, Dabhoiwala e Alexandrian, analisaremos a construção histórica do gênero através dos dispositivos já consagrados desta escrita. Perpassaremos o advento do vídeo para pensar a construção de uma indústria da pornografia majoritariamente masculina e suas implicações.

Palavras-chave: pornografia, erotismo, literatura.

Dissidência, substantivo feminino, significa conflito de opiniões e ideias; desavença; cisma; cisão. Começemos por romper, então. Romper com uma ideia corrente: não há distinções tão claras entre o que costumeiramente chamamos "erótico" e aquilo que denominamos "pornográfico". Em matéria de sexo, poderíamos apostar que há menos acordos do que se deseja. Há desejo que transborda onde o queriam contido. Ora se mostra em demasia, ora se esconde e, na fresta, irrompe o velado. Entre o erótico e o pornográfico, entre o amor da alma e o prazer da carne: em que ponto separam-se? Que moral vigente os julga? Qual prateleira da literatura os acolhe? O que faz de um escritor, um escritor maldito?

Na empreitada de historicizar a pornografia é preciso saber lidar com limites e frustrações, afinal, trata-se de um período que abrange milênios sobre uma prática que oscila entre o público e o privado; entre a exaltação e a condenação; entre o poético e a sátira. Tentaremos, neste breve estudo teórico, traçar uma leitura histórica da representação do sexo na literatura, compreendendo os dispositivos que a compõe e a polêmica moral que a condena.

Consideramos tal empreitada como sendo de suma importância na medida em que a literatura não é mera prática estilística, mas, também, pode ser tomada como fonte que revela modos e costumes de determinada cultura. Como prática humana que é, a literatura também tem seus territórios de disputa. Nos estudos que se dedicam à temática do erótico e do pornográfico, podemos perceber que boa parte dos esforços concentram-se na tentativa de traçar uma diferenciação destes campos. Façamos, portanto, algo diferente: começemos por aquilo que une

erotismo e pornografia. "Uma coisa é certa: seja pornografia ou erotismo, a característica essencial deste discurso é a sexualidade", como nos alerta Moraes e Lapeiz (1984, p. 110). Estamos, aqui, a navegar nas águas turvas da representação literária do sexo. É disso que se trata. De acordo com Moraes e Lapeiz (1984), a palavra "pornografia" tem origem grega e referia-se à descrição dos hábitos das prostitutas e de seus clientes. Em uma tradução literal, *pornographos* significa "escritos sobre prostitutas". Foi Luciano, um escritor grego de origem síria, quem teria escrito o primeiro livro pornográfico nestes termos: os *Diálogos das cortesãs*, do ano de 125 da era cristã. A obra revela-se como um excelente quadro de costumes, na medida em que mostra quinze diálogos entre cortesãs sobre seus conflitos cotidianos.

O termo ganhou grande amplitude nos dias atuais e atualmente é empregado para designar "descrição ou representação de coisas consideradas obscenas, geralmente de caráter sexual. (...) Ação ou representação que ataca ou fere o pudor, a moral ou os considerados bons costumes", segundo dicionário Aurélio¹. A grafia do pornô teve características e espaços de circulação distintos ao longo dos anos, mas, independentemente disso, a representação do sexo na literatura parece existir desde que escrever foi possível – ainda que nem sempre a representação do sexo tenha sido considerada pornográfica, simplesmente pela inexistência desta categoria com o sentido que atribuímos a ela atualmente. Muito antes de Luciano, ainda na antiguidade grega e romana, encontramos inúmeros exemplos de obras licenciosas que, só mais tarde, seriam entendidas como obscenas.

Tentaremos traçar aqui um breve panorama histórico da escrita do sexo. Sabemos que, para tanto, são precisos alguns recortes temporais e conceituais – do contrário, esta seria uma tarefa impossível por sua vastidão infinita. Nossa leitura está orientada para a literatura erótica ocidental, mais especificamente a europeia pela mesma razão que coloca Alexandrian: "porque foi na Europa que o erotismo se tornou um gênero literário determinado e que obras orientais que tinham em seu país de origem um sentido religioso, como os *Kama sutra*, adquiriram um sentido profano" (1993, p. 08). A Itália e a França configuram-se como os grandes berços da literatura erótica graças aos escritos da renascença que chegaram até nós e, também, por inaugurarem formas inovadoras que, em muitos casos, ainda são usadas por nós: os diálogos anedóticos entre cortesãs, o gênero epistolar de tom confessional e íntimo, as narrativas que desenvolvem anedotas sexuais e, também, a aplicação de verbos usados, até então, apenas para os animais, para designar atividade sexual dos humanos.

¹ Versão online.

Em *As origens do sexo*, Dabhoiwala considera que, apesar do sexo ser uma prática humana universal, ele também tem uma história que define o modo como o concebemos e os diversos significados que damos a ele a depender do lugar e da época que analisamos. Tem-se, portanto, como princípio norteador, o deslocamento do sexo como ato biológico para pensá-lo como manifestação humana diretamente relacionada à esfera política e as correntes intelectuais e sociais. Para Dabhoiwala, a grande revolução que traz atitudes modernas em relação ao sexo - que reverbera ainda hoje nas formas como concebemos boa parte de nossa vida sexual - tem início na segunda metade do século XVII e início do século XVIII. Sendo assim, o marco histórico balizador desta obra é o Iluminismo, período sobre o qual o autor assume uma visão mais ampla, concebendo-o "não apenas como uma série de debates filosóficos esclarecidos entre intelectuais, mas uma série de mudanças sociais e intelectuais, de uma ponta à outra da sociedade, que alterou as noções de religião, verdade, natureza e moralidade de quase toda a população" (2013, p. 19). Sendo assim, no que tange ao debate sobre o sexo e a sexualidade no Iluminismo, ressaltam-se as noções de público e privado – hoje tão caras à vida contemporânea em todos os seus aspectos. Isto significa dizer que, se atualmente tratamos o sexo como assunto concernente à vida privada e referente à experiência corporal, esta concepção de caráter fundamentalmente pessoal já é, em si, uma visão iluminista.

É nesta mesma perspectiva que Lynn Hunt (1999) caminha ao enfatizar a ruptura existente no século XVIII no que tange às considerações sobre o que denominamos pornografia. Seu estudo, *A invenção da pornografia* é, sem dúvida, uma das obras indispensáveis de ser percorrida por todos aqueles que se ocupam do tema. A autora desconstrói a categoria pornográfica para que a compreendamos não como um movimento espontâneo, mas, sim, como algo que surge em meio a processos conflituosos. No que diz respeito especificamente à literatura pornográfica, Hunt (1999) afirma que esta não constituía uma categoria independente e distinta antes do fim do século XVIII. Em outras palavras, pode-se dizer que o entendimento da representação literária explícita de órgãos e práticas sexuais com a finalidade de estimular sensações nos leitores é algo que só pode ser pensado do fim do século XVIII em diante, visto que, antes disto, o sexo era meio para críticas e sátiras políticas e religiosas. Prova disso, segundo a autora, é o fato de que, "o controle dos trabalhos manuscritos impressos na Europa dos tempos medievais até o século XVII era feito em nome da religião e da política, e não em nome da decência, indicando que as leis modernas sobre a obscenidade se formaram apenas no início do século XIX" (HUNT, 1999, p. 12).

É imprescindível que se compreenda que o que estamos a debater aqui não é apenas o entendimento do que vem, ou não, a ser considerado pornográfico, mas, antes disto, o surgimento

da própria categoria conceitual da pornografia. Para nós, sujeitos do século XXI, é necessário certo esforço para que tal deslocamento conceitual possa ser apreendido. O Iluminismo, discutido logo acima a partir de sua dialética de público-privado, é essencial para esta compreensão: a representação do sexo (seja literária ou pictórica) era disseminada como críticas e sátiras político-religiosas, ou seja, parte da sexualidade estava circunscrita na esfera pública da vida social. É justamente com a consolidação iluminista da sexualidade como tema estritamente concernente à vida privada – algo que se dá por volta do século XVIII - que a exposição pública de representações do sexo ganha ares de obscenidade. Dabhoiwala, caminhando nesta mesma direção de pensamento, aponta para a atual ambiguidade edificante de nossa compreensão da esfera sexual de nossas vidas, diz ele: "O sexo não apenas é mais privado do que jamais foi antes: ele também é mais público. A grande expansão da esfera da privacidade sexual aconteceu em paralelo com um contínuo e crescente interesse pela discussão pública do sexo" (2013, p. 562-563). Ao jogarmos a sexualidade para dentro dos quartos com portas trancadas acabamos por intensificar a vontade de espiar pela fechadura. E isso tem tudo a ver com o lugar que a pornografia – e seus modelos estilísticos – tem nas sociedades pós-iluministas.

No que diz respeito a este ponto, seria impossível – ou, no mínimo, desatento – não retomarmos o pensamento que Michel Foucault desenvolve em sua *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Neste que é o primeiro volume de uma trilogia, Foucault constrói um texto denso que nos convida à reflexão na medida em que lança uma série de perguntas – muitas das vezes retóricas -, traçando, com isto, uma genealogia da compreensão da sexualidade humana. Para o filósofo, a moral vitoriana é a própria imagem do mutismo hipócrita que se cria em torno do sexo, relegando-o ao lugar de segredo. Nas palavras de Foucault, em sua célebre frase: "O que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar sempre dele, valorizando-o como o segredo" ([1976], 2015 p. 39). Porém, o esforço empreendido para a manutenção do silenciamento desta esfera da vida humana é, por si só, um discurso e, como tal, acaba por intensificar a vontade de saber em torno da sexualidade. ([1976], 2015). Isso acaba por produzir, no ocidente, uma série de verdades (*scientia sexualis*) vindas de diversas esferas: médica, legal, religiosa etc. Vale ressaltar que a psicanálise, aqui fortemente criticada por Foucault, seria um dos discursos a produzir verdades sobre a sexualidade. O interdito de outrora ganha vozes potentes que enquadram a sexualidade dentro de parâmetros perigosamente normativos. O excesso de discurso sobre o sexo não significou emancipação dos prazeres - pelo contrário: pôde, inclusive, estar a serviço da manutenção de discursos e práticas

muito conservadoras. É neste aspecto que o Michel Foucault rejeita a hipótese repressiva e, nesta mesma linha, poderíamos pensar que o caráter transgressor da pornografia só pode existir em uma sociedade que a mantém à margem, que relega a ela o lugar de tabu.

Retomando Lynn Hunt, outro aspecto importantíssimo nesta compreensão histórica da pornografia se deve à disseminação de obras literárias e de gravuras eróticas pelo advento e desenvolvimento da imprensa – algo que já pôde ter seu impacto sentido no século XVI. "A pornografia começou a aparecer como gênero distinto de representação quando a cultura impressa possibilitou às massas a obtenção de escritos e ilustrações" (HUNT, 1999, p. 13). Isto quer dizer que materiais que antes circulavam restritamente entre membros letrados de uma pequena elite social e intelectual passaram a ser amplamente difundidos; pinturas eróticas que, até então, ficavam escondidas nos palácios passaram a estampar livros que podiam ser adquiridos na maioria dos centros urbanos. Junto com este novo "mercado do obsceno" que começa a surgir, como chama Hunt (1999), tem-se também a criação de mecanismos de censura na tentativa de "controlar a circulação de mercadorias moralmente perigosas e impróprias" (p. 57), sendo o *Index de Livros Proibidos* - estabelecido pelo Papa Paulo IV em 1559 – o dos grandes exemplos deste controle.

A história das censuras realizadas destes materiais mostra que sempre houve um controle maior no que diz respeito às mulheres. Era preciso manter os romances eróticos longe das mãos das donzelas, em especial. O corpo feminino constituiu-se como lugar de exercício de controle por parte das mais variadas instituições e formas de poder. Uma mulher consciente dos prazeres de seu corpo e disposta a exercê-los é, ainda hoje, vista como um perigo por fazer estremecer uma série de convenções. Neste sentido, a pornografia – enquanto lugar de exposição do sexo e excitação dos que a consomem - configurou-se desde sempre como campo masculino: em sua esmagadora maioria é produzida por homens e para homens. O resultado disso é uma série de produções pornô contendo cenas dos mais variados tipos de subjugação feminina e, vale ressaltar, que depois do advento do cinema, do VHS e, mais atualmente, da internet, os vídeos passaram a ocupar o lugar de excelência da pornografia em termos de circulação. Mas mesmo no que se refere à literatura, Maingueneau já nos alertava: "Duas coisas são certas: a literatura não está mais no centro da produção pornográfica, e a produção pornográfica, que prosperou em um mundo dominado pelo masculino, evoluirá em função da maneira segundo a qual se definirão as relações entre os sexos." (2010, p. 132)

Disso resultou uma ampla discussão com diferentes visões dentro dos movimentos feministas, basicamente divididos em duas vertentes: proibir toda a pornografia por entender que ela é prejudicial à igualdade de gênero por ser misógina ou, num segundo caminho, acreditar que a luta por igualdade também perpassa a esfera sexual e que uma maior participação de mulheres na produção pornográfica pode trazer novas visões sobre as representações do sexo no cinema (que combatem, inclusive, o que conhecemos como "cultura do estupro"), e que afirmam o direito do prazer sexual para mulheres. Para citar um exemplo deste segundo posicionamento, basta pensar em Erika Lust, cineasta sueca radicada em Barcelona, é uma forte expoente do que podemos denominar de pornô para mulheres / pornô feminista.

Maingueneau (2010) formula duas características do discurso pornográfico que apresenta como centrais: a transparência referencial e os afetos eufóricos de um sujeito focalizador. Estes dois pilares são condições mínimas para que se possa falar em escrita pornográfica segundo este autor. Ele formula estas ideias de forma bastante direta:

Para que um possamos falar de escrita pornográfica, duas condições mínimas devem ser reunidas:

(a) O texto deve restituir a dimensão *configuracional* da cena. Com efeito, é necessário que o leitor consiga representar para si mesmo, visualizar exatamente as operações dos atores: o objetivo é a total visibilidade do ato sexual. Os relatos pornográficos buscam pôr em cena séries de posições, ou até estabelecer listas delas;

(b) a enunciação deve ser carregada de afetos eufóricos atribuídos a uma ou várias consciências, que podem ser atores ou testemunhas. (MAINGUENEAU, 2010, p. 69)

Caso a dimensão do afeto tenha primazia no texto em questão, muito provavelmente o texto será considerado erótico – e não, pornográfico – e, caso haja mera descrição de posições, sem nenhuma inscrição afetiva, corre-se o risco de se ter manual, tal como o *Kama Sutra*. As sequências pornográficas exigem, portanto, um equilíbrio entre o plano descritivo capaz de configurar imagens e o plano dos afetos.

A ideia supracitada – de que a primazia dos afetos diz respeito ao campo do erótico – é recorrente nas inúmeras formulações que tentam separar erotismo e pornografia. Ou melhor dizendo: que tentam separar o erotismo da pornografia pois, subjacente a esta preocupação, está a ideia de que o primeiro é digno de valor e deve manter-se longe o suficiente da segunda para não contaminar-se. Retomando Eliane Robert Moraes e Sandra Lapeiz (1984) é preciso tentarmos fugir da armadilha de definir tais conceitos por critérios morais, o que implica pensar os matizes destes

campos. Há mais nuances do que, talvez, gostaríamos. Ainda que partamos do consenso de que tanto o erótico quanto o pornográfico tratem das representações do sexo, não podemos nos furtar de enfatizar a ideia de que, historicamente, passamos a reconhecer a pornografia sempre como algo que remete ao outro, e nunca a nós mesmos. Ela está sempre localizada fora de nós, não deve ser concebida como algo que nos habita. A pornografia é campo de recusa: "é o erotismo dos outros", de acordo com a definição de Alain Robbe-Grillet. Mas cabe a pergunta: o que estamos a recusar?

Referências:

ALEXANDRIAN. (1989). **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DABHOIWALA, Faramerz. **As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual**. São Paulo: Globo – Biblioteca Azul, 2013.

FOUCAULT, Michel. (1976). **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia: obscenidades e as origens da modernidade 1500-1800**. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra M. **O que é Pornografia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.